

Em Busca dos Caminhos da Esperança

Prof. Esp. Rogério Silva.



✓ Antônio Mendes

Nascido no Ceará, em Quixeramobim, em 1828, Antônio Mendes teve uma infância privilegiada para uma criança do sertão. Estudou português, francês e latim, além de se dedicar ao estudo da Bíblia, das obras teológicas de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino e dos livros clássicos europeus.

Após a morte de seu pai, em 1855, virou comerciante e se casou. Dois anos depois já estava falido e ganhou o mundo: morou em várias cidades, exercendo diferentes ofícios: caixeiro, escrivão de júri, a sua vida se transformou radicalmente depois que sua esposa o abandonou, fugindo com um policial.

Depois deste episódio, Antonio Maciel deixou a cidade e tornou-se um andarilho, vagando pelos sertões. Em suas andanças, conheceu Joana Imaginária, escultora de santos, com que se casou e teve um filho. Começou a fazer suas pregações religiosas, em cada local que parava dava conselhos.

✓ Da Utopia a Realidade

Desde 1888 Conselheiro vinha sendo seguido por multidões de “gente inferior” - ex-escravos, vagabundos, marginalizados. Uma de suas primeiras ações nesse período acontece em Bom Conselho, quando reúne o povo, faz uma breve prédica e manda arrancar o edital de cobrança de impostos. O povo obedece, queima o edita e faz festa, com foguetes e banda. Começa a trajetória propriamente política do Conselheiro. Uma patrulha de 35 soldados tenta prendê-lo, mas é dispersada pelo povo. Daí para frente será sempre perseguido como um **perigo social**. É então que depois de muito ameaçado leva seu povo, e todos os que chegam, para o Belo Monte e ali funda a sua utopia. Bem real, enquanto durou.

Antônio Conselheiro tornou-se famoso por seus sermões, que abordavam temas ligados diretamente à vida dos sertanejos: a cobrança de impostos, as dívidas, a moralidade cotidiana, os atos dos governantes, a salvação da alma, etc. Seu prestígio resultava da capacidade de propor possibilidades de sobrevivência para as populações dos sertões: a salvação da alma, marcada por uma relação direta de proximidade com Deus; a organização do trabalho dentro da comunidade; o estabelecimento de relações sociais de fidelidade e compromissos, através do compadrio (padrinho de batismo).

A cidade foi levantada em **1893**, perto do rio Vaza-Barris (Bahia). Chamava-se Belo Monte, mas passou para a história como Canudos, nome dado pelos inimigos, referindo-se aos bambus que ali cresciam, como canudos, e, ao mesmo tempo negando-lhe o carisma de seu verdadeiro nome.

A notícia correu pelos sertões. Fazendas e vilas despovoavam-se porque em Belo Monte “havia descido o céu”. Não tinha polícia do governo e o trabalho era igual para todos. Não se pagavam impostos e bastava levantar casa onde o Conselheiro indicasse. Toda a produção era distribuída de acordo com as necessidades de cada um.

Canudos teve 35 mil habitantes. De longe, parecia um presépio: as casas amontoavam-se, desordenadamente. Só havia uma rua e, no seu início, a primeira igreja, onde Antônio Conselheiro pregava. Posteriormente começou-se a construir outra capela. A

cidadela crescia a cada dia, vejamos um pedido de um morador para que outros dirigissem a Canudos:

“Louvado S. N. Senhor Jesus Cristo

Belo Monte 3 di 10 bro de

Rosendo estimoti boa saúde em comp^a da sua fam^a. Meu Concelheiro está procurando por voceis venha embora breve q. está se vendo não entrar m. ninguem casu os republicano venham com sintido assim diz meu concelleiro. O que eles apanha mata venha morrer no pés do bom Js O Conselheiro disse 3 vezes q. o q. morreu no belo Monte ele agarante a salvação já morreo dos nosso irmão 74 no fogo q. hove morreo 5 republicano i morreo muito cabeludo. O Conselheiro está entereçado q. voceis venhão hoi o golpe na chegada do principio não passa janeiro fora por lei nenhuma.

L^{as} aos conhecidos. Aqui fica teu pai Bonifácio Mel João”.

(Carta encontrada em Canudos. Euclides da Cunha, Caderneta de campo)

Uma utopia real, que nunca teve polícia ou cobrador de impostos. Onde, ao contrário do sertão, havia duas escolas para as crianças. Onde as decisões eram tomadas em conjunto. Uma das fontes de renda de comunidade foi a **venda das peles de cabra**, que a República exportava, inclusive. A importância da cabra na economia de Canudos, alias, é um estudo ainda a ser feito. Dava o alimento - leite e carne - e o couro para roupas e sapatos. O excedente vendia-se a comerciantes que o levavam para Salvador: a exportação do couro de cabra chegou a ser um dos mais importantes itens da economia baiana. Dos chifres desses animais os sertanejos faziam pentes, bijuterias, piteiras para cachimbos e, quando chegou a guerra, até balas de munição.

Canudos não era um povoado isolado. Mantinha relações comerciais com povoados vizinhos. A população de *Canudos vivia num sistema comunitário em que o produto das atividades agrícolas e pastoris de subsistência era repartido entre todos. Havia propriedade privada de bens, o gado e a moradia. Não existia cobrança de impostos, nem autoridade policial. Canudos tinha “leis” e “governo” próprios. A experiência comunitária alternativa vivida no arraial representava, de certo modo, uma ameaça à ordem instituída pelos fazendeiros baianos, às autoridades eclesiásticas e às elites políticas.*

O pretexto para a guerra contra Canudos foi a pretensa invasão de uma vila, por Conselheiro, para conseguir madeira. Na verdade, por trás de tudo, o motivo real era destruir um “mau exemplo” de liberdade popular. Havia também o interesse político no episódio, favorecendo as disputas entre os republicanos.

Canudos era vista como um lugar de concentração e atração de diversos atores sociais, que a sociedade da época achavam ser: fanáticos religiosos, marginais e anti-republicanos, estes estereotipo que levava o Estado, a Igreja e as Oligarquias (as três forças da época) a terem medo do arraial de Canudos.

Nem sempre foram visto como fanáticos religiosos, pois houve momentos que as três forças compartilhavam relações sociais, Conselheiro e seus seguidores prestaram muitos serviços por onde passavam ou onde eram chamados, construíam cemitérios, ruas, açudes, igrejas, etc., só que a partir de um momento os laços de interações foram quebrados, isso pelo estabelecimento da cidadela e pelos conflitos armados que começaram a ser constante, sendo assim podemos observar que nem sempre Conselheiro e seus seguidores foram perseguidos, quando de conveniência era aceitos. Mas a verdade quanto a questão religiosa é que em Canudos assim como em grande parte do sertão era praticado o **catolicismo popular**, que

as vezes, e principalmente após a aparição de Antonio Conselheiro, fora confundido com fanatismo religioso.

Canudos era também visto como um antro de marginais, é certo que muitos foragidos da justiça iam se esconder em Canudos, mas isso ocorria em casos de minoria, pois ali viviam gente de bem, homens e mulheres que lutavam todos os dias para conseguirem viver, paralelo a isso existia a visão de anti-republicanos, mas nada os canudenses tinham a ver com tal denominação, o único elemento que realmente os canudenses eram contra a república era fato de ela ter separado a igreja do Estado, mas mesmo assim, isso não representavam um sentimento verdadeiramente anti-republicano.

✓ **Sebastianismo, Milenarismo, messianismo?**

Na seqüência, *Sebastianismo*, foi utilizado por reportes, parlamentares, etc., usavam-no exclusivamente como sinônimo de monarquismo, mas em Canudos praticamente não se encontra sinal de sebastianismo, basta a comparação com Contestado, que nessa “guerra santa”, São Sebastião era santo padroeiro, com inúmeras invocações nos documentos, ao lado da Santíssima Trindade, e aparição habitual para os combatentes. No entanto houve algumas citações ao rei, expressos em versos de poesia popular.

Milenarismo, tomado no sentido estrito de um surto provocado pela iminência do fim do século, encontra-se ausente de Canudos. Antes, tudo indica que a comunidade conselheirista se colocasse *fora da história*, vivendo um “interim” atemporal.

Mas folhetos proféticos e os versos populares mostram essa tendência, mesmo que vestigial. Douglas Freitas Monteiro fala da “corrente subterrânea escatológica” que percorre as insurreições religiosas, que acabam colocando sua visada no fim dos tempos. Sabendo-se a importância que a Missão abreviada teve como fonte para os sermões do Conselheiro, vale lembrar que ela contém um capítulo inteiro dedicado ao Anticristo e o fim do mundo, o que apareceria com clareza nos folhetos proféticos e na poesia.

Quanto ao *Messianismo*, se consideramos no sentido lato como todo movimento religiosos que siga um líder carismático de quem emana a salvação, não pode haver dúvida de que isso se trata. Ainda aqui, o Conselheiro já mais afirmou que era o Messias, ou Jesus, ou Santo Antonio. Nos dois livros de sermões que deixou assina-se “o Peregrino – Antonio Vicente Mendes Maciel”, e neles se *encontra* sequer uma insinuação nesse sentido. Testemunhas de vista tampouco lhe atribuíram tal identificação. Pedrão guardou a lembrança, que relatou a José Calasans, de um episódio em que um crente se ajoelhou ante o Conselheiro, que o repreendeu, dizendo: “Levanta-se, que Deus é outra pessoa”.

Mas sua grei sim, e aí são numerosos os depoimentos contemporâneos ou de sobreviventes, que a ele se referem como Santo Antonio Aparecido e Bom Jesus Conselheiro. Davam-lhe assim vivas ao começo e ao fim das prédicas, quando chegava ou deixava povoados e fazendas. E em Canudos era usualmente saudado como Bom Jesus Conselheiro. Ao que tudo indica, essa foi sua derradeira renominação, depois de responder sucessiva ou alternadamente aos apelativos de Irmão Antonio, Meu Pai, Nosso Pai, Santo Conselheiro.

Em suma: não há afirmação de juízo final explícito em nenhum momento, embora contemporâneos afirmassem que o Conselheiro pregava anunciando o fim do mundo – de novo, a não ser nas profecias e nos versos. As cartas de canudenses convocando reforços falam apenas na guerra que se avizinha, aduzindo que a última oportunidade de “morrer com nosso Conselheiro” e assim alcançar a salvação. Mas nessas mesmas cartas, das quais um exemplo é a supracitada de Ezequiel Profeta de Almeida, quando a esperança terrenal ainda imperava, a proposta é de salvar-se em vida porque o resto do mundo, e não Canudos, é que se encontra votado à perdição. Pode-se inferir que houve uma fase em que predominavam as

expectativas de vitória sobre o inimigo, seguida por outra em que os fatos as desmentiam. As alusões de prisioneiros e sobreviventes, quando diretamente interrogados, dão conta de que o Conselheiro não prometia a ressurreição, mas sim “salvar a alma”.

(Adaptado de Walnice Galvão. O Império do Belo Monte)

✓ **A Destruição**

Acredito que podemos destacar três aspectos na destruição de Canudo: militarmente; socialmente e quanto a memória, tratando respectivamente.

Canudos foi atacada por quatro expedições, a primeira constituída de 120 homens comandados por um tenente e foi desarticulada pelo exército canudense; a segunda formada com 600 homens comandados por um major e contando com 2 canhões, também derrotada; a terceira contou com tropas do Rio de Janeiro e Bahia com 1 300 homens, já a última, contou com cerca de **10 mil homens** de vários estados, com grande infra-estrutura, com batalhas bem variadas (locais, e tempo de duração) findando com a morte de Conselheiro em 22 de setembro e o ataque final em 1º de outubro.

Outra destruição foi a social, ou seja, destruindo canudos, destruía-se um exemplo, uma nova “forma de viver”, que contrariava a igreja, o Estado republicano e as oligarquias, um com medo de perder fieis, outro com medo de um movimento monárquico e o último com medo de perde sua mão-de-obra e ter suas terras invadidas pelos canudense. Canudos representava para estes um movimento que ia contra a ordem social estabelecida e por isso deveria ser destruída, e também, por apresentar outros fatores como: área de atração de pessoas; existência de um comércio externo; havia ausência de propriedade privada; dentre outros fatores.

Quanto à questão da memória, tentou-se deixar um legado que os canudenses eram marginais e anti-republicanos, mas no passar do tempo tal estereótipo não se sustentou mais, então esta destruição não foi efetivada. Isso devido durante as expedições a canudos muitas pessoas registraram o que de fato era Canudos, *Euclides da Cunha e Calasans*, foram um dos responsáveis por uma construção de memória que se aproxima dos acontecimentos, principalmente pelas denúncias dos exageros cometido pelo exército na 4ª expedição.

✓ **Canudos e MST**

Cada vez mais, comenta-se a similitude do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) com os conselheiristas. Eles mesmos reivindicam tais precursores, batizando, entre outros, um assentamento em Tangará da Serra (MT) de “Antonio Conselheiro”, e outro em Campestre (GO) de “Nova Canudos”. Sem dúvida, a iniquidade socioeconômica que caracteriza a sociedade brasileira, na qual uns poucos possuem tudo e a maioria não possui nada, está na raiz tanto na Guerra de Canudos como do MST.

Entretanto, certas diferenças também se observam. Primeiro, o MST reivindica aqui e agora, enquanto no Belo Monte “apenas” se aguardava a salvação da alma. Além disso, o MST vai ocupando terras, organizando protestos e penetrando ativamente na sociedade nacional, ao passo que os conselheiristas se recolheram a sua cidadela. Por último, o Belo Monte era regido pela religião, uma só e indiscutível, seu cimento de coesão social: o que não é o caso do MST. Estas são algumas das disparidades notadas por uma observação mesmo que superficial.